

Temática livre

“O tempo das tribos” e o pós-moderno: o imaginário político dos afetos

Eduardo Portanova Barros e Antonio
Carlos Aleixo

Eduardo Portanova Barros

Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Petrolina,
PE, Brasil

E-mail: eduardoportanova@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5832-5711>

Antonio Carlos Aleixo

Universidade Estadual do Paraná – Campo Mourão, PR,
Brasil

E-mail: carlos.aleixo@unespar.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1494-872X>

Resumo: Este artigo, promovendo a discussão do livro seminal de Michel Maffesoli sobre o “tribalismo pós-moderno”, publicado há mais de três décadas, no Brasil, revisita “O tempo das tribos” (1988). Maffesoli, na contramão de muitas análises sociológicas, trata de uma era dos afetos. Mas o que é o “afetual” para Maffesoli? A hipótese dele, com a qual corroboramos, é, se não um “declínio do individualismo nas sociedades de massa” (subtítulo daquela obra), pelo menos um imaginário cotidiano vitalista (um *Carpe diem*). E, a título de “desfecho”, assinalamos que o “afetual” pós-moderno – termo hoje não mais negligenciável para designar um estado de espírito, o *Zeitgeist* – atinge, quer queiramos ou não, todas as esferas da vida. Com a política, como no caso que tratamos aqui, preferencialmente, a partir de algumas considerações introdutórias, se dá o mesmo.

Palavras-chave: Michel Maffesoli; pós-moderno; neotribalismo; imaginário político; sociologia do cotidiano.

The time of the tribes and the postmodern: the political imaginary of affects

Abstract: This article revisits Michel Maffesoli's seminal work "The Time of the Tribes" (1988), published in Brazil more than three decades ago, to discuss his concept of postmodern tribalism. Contrary to many sociological analyses, Maffesoli addresses an era of affect. But what is meant by "affect" in Maffesoli's work? His hypothesis, with which we concur, is that, if not a "decline of individualism in mass societies" (the subtitle of that work), there is at least a vitalist everyday imaginary (*carpe diem*). Finally, we argue that postmodern affect – a concept that can no longer be overlooked as a way of describing the contemporary *Zeitgeist* – permeates all spheres of life. Politics, which constitutes the primary focus of this article, is no exception.

Keywords: Michel Maffesoli; postmodern; neotribalism; political imaginary; sociology of everyday life.

El tiempo de las tribus y lo posmoderno: el imaginario político de los afectos

Resumen: Este artículo revisita "El tiempo de las tribus" (1988), obra fundamental de Michel Maffesoli sobre el "tribalismo posmoderno", publicada en Brasil hace más de tres décadas. Contrariamente a numerosos análisis sociológicos, Maffesoli aborda una era de lo afectual. Pero ¿qué es lo "afectual" para Maffesoli? Su hipótesis, con la que coincidimos, es que, si no existe un "declive del individualismo en las sociedades de masas" (subtítulo de esa obra), al menos se configura un imaginario cotidiano vitalista (*carpe diem*). Como reflexión final, sostenemos que lo afectual posmoderno – concepto que hoy ya no puede ser ignorado para designar un estado de espíritu, el *Zeitgeist* – permea todas las esferas de la vida. Lo mismo ocurre en el ámbito de la política, principal objeto de reflexión de este artículo.

Palabras clave: Michel Maffesoli; posmoderno; neotribalismo; imaginario político; sociología de la vida cotidiana.

Introdução

Três décadas e um oceano nos separam do texto original produzido por Maffesoli e publicado no ano de 1988, no Brasil, livro esse que pode ser considerado o espírito maffesoliano, por excelência, sob o título “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”. Isso é relevante na análise dos acontecimentos do pós-moderno de que tratamos neste artigo, exemplificando com alguns fatos de natureza – a priori – política. O propósito deste texto é contribuir parcialmente para a explicação dos fenômenos de massa que têm ocorrido no Brasil, nos últimos anos. Para tanto, realizamos uma retomada interpretativa do conceito de sociedade tribal, principalmente, à luz do referido livro, como suporte teórico e metodológico para compreender eventos que, aparentemente singulares, conectam-se, na profundidade dos interesses políticos do país. Elegemos ocorrências de massa a partir do ano de 2013, na esfera política e jurídica do Brasil, como forma de demonstrar a adequação dos termos teóricos maffesolianos, para explicar comportamentos recentes, destacando três fatos amplamente divulgados no conhecido “8 de janeiro” de 2023. O tribalismo pós-moderno, portanto – e é sobre isso que refletimos aqui –, contém ferramentas, no nosso entender, capazes de auxiliar na interpretação das relações sociais das últimas cinco décadas com efeitos, neste momento, no reordenamento jurídico e político. Na sua proposta expositiva, este texto deve ser lido como síntese entre forma-conteúdo, em que as partes se assemelham a quadros ou cenas de uma apresentação, sem descuidar da reflexão epistêmica a que foi submetido o assunto.

Reflexos

No prefácio da terceira edição francesa e quinta brasileira (2014), o autor crava, naquela que diz ser a elite e último bastião, provavelmente, da geração moderna – a geração de 1968 – os adjetivos: amarga, irritada, triste, infecunda, normativa, velha, rabugenta, arrogante, cínica. Ali está, certamente, um pequeno acerto de contas com um grupo de intelectuais e atores políticos que não fora alvo de suas palavras na primeira e na segunda edição do livro. Entretanto, a crítica à modernidade e o anúncio de sua morte já estavam postos no prefácio à segunda edição (1998), quando afirma que a cultura se sobrepõe ao processo econômico-político; o orgânico ao mecanicista; o mito redundante à história linear.

As elaborações de Maffesoli (1998) e suas antecipações do que poderia vir a ser a sociedade contemporânea auxiliam, em seu conjunto, nas interpretações atuais, mas as noções de tribo, tribalismo e neotribalismo, contidos no capítulo IV do livro, talvez sejam os mais relevantes para nossas intenções neste texto. Segundo ele, diferente do sujeito particularizado e centrado da modernidade, há, no atual momento histórico, um sujeito coletivo de emoção que se opõe ao sujeito coletivo de classe social (o operário ou o burguês “contratualizados”). O sujeito da emoção é um “continente” (amplo) que abriga pessoas com fins específicos de um momento histórico curto: o neotribal. A comunidade emocional não se orienta teleologicamente. É fiel à intensidade ativa e a certa energia pontual. É “presenteísta”, para utilizar um termo do autor.

Concordando com Maffesoli (1998), as tribos atuais são microgrupos que superam o indivíduo e sua tarefa particular, caracterizando-se pela baixa estabilidade. Isso permite que um indivíduo se mobilize

de uma tribo a outra sem grandes constrangimentos externos ou internos porque, na base do tribalismo, estaria a “comunidade emocional”, blindada a possíveis retaliações. Desta forma, a existência da tribo não nega ou apaga o movimento de massa, que a integra ou desintegra, a depender dos desejos imediatos. Para ele, na esteira de Georg Simmel (1858-1918), a quem faz referência, a base de toda estruturação social é a dialética do amor e do afastamento.

Tal dialética movimenta-se nas realidades de agrupamentos primários. Pessoas e grupos agem porque gostam e porque não gostam de outras pessoas e grupos. Trata de mais afeto que razão. A modernidade, consoante seu entendimento, centrada no indivíduo racional e na economia, nega, rejeita ou resiste em admitir que “as agregações sociais se apoiam, igualmente, na atração e na rejeição afetivas” (Maffesoli, 1998, p. 157), destinando, aos eventos que compõem esta esfera da vida, a alcunha de crônicas ou literatura.

Nesta linha de pensamento, a sociedade atual encerra, no sentido de concluir, um período marcado pelo individualismo burguês – inaugurado pela Revolução Francesa – e, provavelmente, passa a experimentar um modelo social potencializado por espírito de religião e localismo: religião, no sentido de “religação”, e localismo como proximidade física¹. À religião institucionalizada, a outra, associa-se a característica de rigurosidade, “com seu cortejo de fanatismos, dogmatismos, escolásticos, de todo tipo, sem esquecer, claro, as intolerâncias” (Maffesoli, 2021, p. 17). Não é desta última que se trata no pós-moderno.

O progresso técnico, incluindo os avanços (mudanças) na base dos meios de comunicação, não foi capaz de erradicar a potência de religião/religação.

Ela é o cadinho onde se amalgamam as diversas modulações do ser/estar junto. Com efeito, os ideais podem envelhecer, os valores coletivos podem saturar-se, mas o sentimento religioso produz sempre e de novo esta “transcendência imanente” que permite explicar a perdurância das sociedades através das histórias humanas (Maffesoli, 1988, p. 63).

Podemos acrescentar, inclusive, que o aperfeiçoamento dos meios de comunicação virtual fez emergir, consigo, outras e eficientes religações (religiões). A existência (desenvolvimento) das plataformas sociais virtuais possibilitou novas formas de tensão e distensão. Alterou não só as relações de afeto como também aquelas das operações econômicas do pequeno mercado ou mesmo das trocas econômicas informais, como é o caso dos produtos artesanais, comunidades com fins de alterações estéticas ou arrecadação financeira para solucionar um problema pontual: sorteios, rifas, contribuições para auxiliar pessoas com problemas de saúde etc.²

¹ Importa fazer a ressalva de que, no final dos anos de 1980, esboçava-se, mas não havia, as redes de comunicação virtual como as que passaram a existir 15 anos mais tarde: Orkut, Facebook, em 2004; Twitter (ou X), em 2006; Whatsapp, em 2009.

² Entre 2020 e 2021, medidas sanitárias de distanciamento físico, causadas pela epidemia da Covid-19, provocaram inúmeros formas de relações sociais por meio das plataformas virtuais: comemoração de aniversário, atividades acadêmicas, consultas médicas, grupos de oração, cerimônias religiosas tradicionais, cafés a distância etc.

Em razão disso, o conceito de “localismo” – Maffesoli prioriza os locais de moradia em suas análises – deve ser relativizado e atualizado. O espaço, ou território, não é mais físico, apenas, e isso altera as configurações das redes e nós, por onde circulam dados, informações, desinformações, angústias, negócios etc. Ao mesmo tempo em que as redes virtuais ampliaram o isolamento físico, dilataram, por outro lado, a escala de acesso a um grupo maior de pessoas “isoladas”. Não se pode negar o papel dessas redes no salto operado frente ao imaginário coletivo de pertencimento, que dá formas a grandes ou pequenos movimentos culturais, sociais, políticos.

Imaginário

Com relação ao imaginário coletivo, Maffesoli (1988) afirma que as pessoas, em bairros e aldeias, agem mais por “contaminação” que por persuasão de uma razão política. A prática demonstra que ele não está errado, se expandirmos a noção de espaço para além desses dois lugares. Basta observar as práticas das “famílias” de trabalhadores em treinamento nas grandes corporações, as orações matinais em grupo nas lojas de departamentos ou mesmo os uniformes utilizados pelos trabalhadores fora do local de trabalho.

Maffesoli (1998) entende que se opera uma verdadeira revolução pós-moderna que se caracteriza da seguinte forma: rompimento da certeza; verdades aproximativas, relativas e moveidças; substituição do conteúdo por narrativas; preponderância das descrições sobre as interpretações e apreensões; primazia dos afetos em detrimento dos contratos. Neste último caso, as práticas sociais contemporâneas estariam mais propensas a estabelecer relações de “amorosidade” ou o seu contrário, o “ódio”, que relações de classe social ou de “palavra empenhada”. Isso nos auxilia a interpretar, por exemplo, as inúmeras idas e vindas, dito e não dito, negações do dito, a depender das condições emocionais subjetivas ou coletivas a serem movidas nos grupos. Não se condena a incoerência, pois importa mais acreditar, confiar, que conhecer.

Além disso, estaríamos na passagem de uma sociedade organizada em modelos sociais, cujos contornos eram mais rígidos e observáveis, para uma “socialidade” gelatinosa, de fronteiras bem mais permeáveis, em que “função” social é substituída por “papel” social; o indivíduo é substituído por pessoa-persona-personagem; os laços coletivos substituem as classes sociais e, no campo da estética, o sentir comum é mais relevante que a apreensão da beleza. As sensações inscrevem-se, também, nos rituais da vida cotidiana, o que altera, significativamente, os costumes estabilizados pela sociedade moderna. “A partilha do sentimento é o verdadeiro cimento societal”, diz Maffesoli (1998, p. 64).

Os rituais dionisíacos do cotidiano (festas privadas, bares, encontros, comemorações etc.) oportunizam não só êxtases vitais – o indivíduo sai de si para ser feliz – como ainda criam condições para elaboração e troca de opiniões, pontos de vista sobre política, economia, modos de vida. A frequência de tais rituais, com pessoas que se repetem, tende a fortalecer sentimentos compartilhados, aparar diferenças e criar condições para filiações tribais, baseadas numa outra vitalidade, num “desejo de viver”. Os tradicionais centros de elaboração do conhecimento – como as universidades – são substituídos por círculos bem mais privados.

Politicamente, “pelo levante, pela ação violenta, pela via democrática, pelo silêncio e pela abstenção, pelo conhecimento desdenhoso, pelo humor ou pela ironia” (Maffesoli, 1998, p. 66) as pessoas expressam sua potência soberana, em forma de “povo”. Ao conceituar “povo”, o autor o destaca das classes dirigentes e dos comerciantes. É no povo que se encontra a potência da nação. É o lugar da permanência. O que sempre está “ali”, ao passo que os “dirigentes” mudam e são mais flexíveis, por força de seus interesses. O “povo” é que concentra a potência para defesa da nação.

Não há como discordar de que, nos últimos 40 ou 50 anos – sem nos interessar aqui por explicações econômico-históricas – observa-se uma tendência para valorizar mais as sensações pragmáticas que a razão teórica; para substituir o conceito de classe trabalhadora e proletariado pelo conceito de “povo”; substituir o sujeito histórico ativo pelo sujeito “irresponsável” (no sentido de não responder pelos seus atos ou negá-los em repetidos pedidos de desculpas). Nesse caso, a “potência do povo” seria mais importante que o “poder político” e as comunidades fracionadas (as tribos) substituiriam as classes sociais.

Sem cair na tentação de concentrar-se no discurso, é relevante para nossa análise dos acontecimentos políticos no início desta década, no Brasil, o enunciado “supremo é o povo”, que passou a circular nos embates políticos recentes a fim de contestar as ações do Supremo Tribunal Federal brasileiro, principalmente, a partir do ano de 2020, quando da contenção de ações oriundas do Poder Executivo, especialmente as relativas à crise deflagrada pela situação pandêmica causada pelo coronavírus. A condição de “povo” foi sequestrada por uma parcela da população – um conjunto de tribos – de maioria branca, proprietária e masculina, em cujos automóveis, amplos cartazes adesivados reivindicavam o poder pela potência do “povo”.

Carpe diem

Outra característica do período pós-moderno, que promove tribos é uma espécie de romantismo contemporâneo que incentiva (ou necessita de) o retorno à natureza, como contraponto à cultura do progresso, do refúgio nas práticas místicas-míticas-gnósticas, para fugir ao racionalismo crítico e de uma imaginação amplificadora no lugar da razão ordenadora. Tais tribos não se ocupam dos limites ideológicos tradicionais de classe social. O que as institui é o querer viver (*Carpe diem*), organicamente, a natureza.

Paradoxalmente, poderíamos acrescentar, no momento em que as pessoas mais desejam liberdade para não responderem pelos seus atos, há constante busca por judicializar os direitos individuais e quando mais se critica o progresso técnico, é por meio das redes virtuais desenfreadas que se declara amor à natureza mítica, principalmente para quem se vê impossibilitado, financeiramente, de fruir as vantagens imediatas da vida natural. Há que se investigar se a grande diferença de formação nas sociedades colonizadas, como é o caso dos países latino-americanos e africanos, não nos obriga a relativizar alguns dos pontos acima. Os grupos sociais trabalhadores e os grupos proprietários desses países possuem formas diferentes de se relacionarem tanto com o progresso técnico quanto com a natureza.

Maffesoli (1998), ao discutir com maior precisão a ideia de tribalismo, opõe “ordem política” a “ordem da fusão”. Por política, compreende os contratos, associações racionais entre indivíduos. A ordem de fusão, por sua vez, está relacionada à dimensão afetiva e sensível. Social e massa informe opõem-se aí. O aspecto político é finalístico e opera por atividades estratégicas e táticas, buscando uma finalidade. Por sua vez, a fusão opera por interesses passageiros e seus contornos de identificação são relativos e indefinidos.

Estão aqui os termos que contribuem para descrever e interpretar alguns acontecimentos: a crítica às instituições estabelecidas, ao modelo de democracia e aos partidos políticos já marcaram o movimento de junho de 2013³ (Mendonça, 2018), quando, pela primeira vez, no Brasil, um grande movimento de massa foi se organizando por meio das redes sociais virtuais, cuja única exigência para participação era a de que não se levantassem bandeiras de partidos políticos. Meses depois, em 17 de março de 2014, iniciava-se, pela Polícia Federal, a conhecida operação “Lava-jato”, que, ao longo de quatro anos angariou inúmeros apoiadores, instituindo verdadeira soma de tribos, com base em discurso e práticas antipolíticas e antipolíticos⁴.

Nas eleições municipais de 2016, ano marcado por amplos movimentos antagônicos no âmbito da destituição parlamentar da presidente Dilma Rousseff, o número de candidatos a prefeitos e vereadores com o discurso de “outsider” ou “gerente” ampliou-se e as eleições nacionais de 2018 e 2022 elegeram grande número de parlamentares oriundos dos grupos de policiais civis e militares, das forças armadas e dos chamados “influenciadores” sociais, cujos vínculos com partidos políticos tendem a ocorrer, apenas, para efeitos formais.

Reencantamento

Já a lógica da fusão, diferente da política, pode ser percebida por duas características: relação tátil e religiosidade. A primeira é a relação oca, “pontilhada”, entre as pessoas, que formam grupos a partir de relações de contatos e interação que podem ou não se cristalizar: redes identitárias, encontros esportivos, musicais, lazer. A outra é a condição que emerge por meio de formas místicas e sentimentais, que nem sempre necessitam da presença física. Contra o desencantamento, Maffesoli (1998) afirma que a época atual, estilhaçada e exigente, é o de reencantamento do mundo. A religiosidade – aquilo que liga ou religa os grupos – integra o “como” se vive, “como se sente” e “como” se expressa tal viver.

Não se trata do “que” se vive, tampouco há preocupação com bom gosto ou conteúdo. Levada às consequências organizativas e mais estáveis, a religião das tribos atuais pressupõe, além do sentimento de pertencimento, preocupação com o tempo presente e existência de um chefe religioso carismático, que se apresenta, normalmente, como guru, cujas características principais são a fragilidade e o

³ Denominamos “movimento de 2013” ou “jornadas de 2013” todas as manifestações de rua ocorridas no Brasil, no ano de 2013, cuja motivação pública inicial foi a redução no preço das passagens de transporte urbano. O movimento tomou, sem seguida, outros objetivos e diversos atores.

⁴ Entre os anos de 2014 e 2018, adesivos com as expressões “eu apoio a Lavajato” foram popularizados e a alcunha “República de Curitiba” foi utilizada, à exaustão, pela mídia para referir-se ao conjunto de procuradores e ao juiz Sérgio Moro, que realizavam as investigações da operação policial.

irracionalismo. Pode ser um jogador de futebol, artista, ex-artista, liderança política carismática, “influencer”, “coach” ou até lideranças oriundas das extrações religiosas institucionais, como pastores e padres.

A ordem econômica e política gira sobre o eixo da identidade dos grupos que formam os tempos atuais e a melhor forma para se compreender os sentimentos e experiências partilhadas é partir da abordagem estética: a apreensão dos diferentes por meio das sensações.

O neotribalismo “recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente” (Maffesoli, 1998, p. 105). Podemos caracterizar as novas “novíssimas” tribos, virtuais ou não, como portadores dos seguintes valores comportamentais e culturais: fluidez comportamental, ajustamentos pontuais e dispersão, momentos de êxtase – sair de si, desenvolvimento da imagem –, projeção nas redes, desenvolvimento do espetáculo – seja para si, seja para o grupo –, rompimento com o indivíduo-individualizado aburguesado e adesão ao indivíduo massificado. Estas características ajudam a interpretar o fato de, após a emergência das novas tecnologias de projeção de imagem em redes, os indivíduos se partirem em diversas personagens e projeções, filtros sociais etc. Cada vez mais as plataformas buscam mecanismos para as pessoas “estarem” e “não estarem” ao mesmo tempo, observarem sem serem observadas, escondendo-se e surgindo, conforme os desejos e necessidades. Sedução. Erotização. Nebulosidade.

Virilio (1995) considera o atual momento como o da lógica paradoxal da imagem. Não se trata mais de a imagem representar a coisa, o ser, mas de agir sobre eles. A virtualidade faz com o mesmo indivíduo, numa ponta, se projete para diferentes lugares e públicos, instantaneamente e, na outra, receba, em tempo encurtado, diversas manifestações semiotizadas de várias perspectivas. O efeito sobre a partição do indivíduo em sujeitos-massa é incalculável. É necessário repetir que o localismo, descrito acima, a partir das últimas duas décadas, obrigou-se a dividir sua condição proxêmica física com espaços sociais sem “presenças físicas, corpóreas, bastando ter em si o registro virtual de telepresenças ou de presenças imagéticas remotas” (Bucci, 2021, p. 126).

“Socialidade”

Ainda com relação à imagem, podemos inferir, ancorando-nos na ideia maffesoliana de “socialidade” (superfície da personagem), que esta (a “socialidade”) e aquela (a imagem) é que possibilitam, nos tempos atuais, maior e mais rápida agregação. Ao lado da sociedade política e econômica, a “socialidade” é a sociedade social, permeada pelo imaginário, pelo lúdico e pelo prazer. É a aparência que importa para fundir-se ao grupo. As pessoas se identificam pela estética, pelo parecer, pela sensação: “tudo e todas as coisas devem ser dadas a ver, espetacularizadas” (Maffesoli, 2021, p. 27).

Vejamos: na invasão dos Três Poderes, no conhecido 08 de janeiro de 2023, o “espetáculo” foi transmitido pelas redes de televisão, na perspectiva externa e pelos participantes do espetáculo, com foco narrativo de primeira pessoa. Isso produz o efeito de que o controle da narrativa dos acontecimentos

encontra-se totalmente fraturada, em sua linearidade espacial e temporal. Foram vários casos de projeção, em tempo real, para as redes sociais. Trata-se de criação de diversas realidades sobre o real. Faz-se em forma de bricolage, patchwork, integrando e sobrepondo tempo e espaço. Produz efeito de inúmeras narrativas, encaixadas a outras narrativas, sem que se exija coerência logocêntrica. Esta deve ser buscada pelo observador, se assim desejar.

É um grande teatro a céu aberto, com permanente troca de lugares entre os que interpretam e os que assistem. Uma sociedade em círculos. Em circo. Neste evento, em particular, em que consistiria a “socialidade” das pessoas envolvidas? O que as tornou próximas a ponto de constituírem uma junção de tribos urbano-rurais, visto que, em determinado momento, foi possível associar-se um proprietário de terras, um pequeno empresário urbano, o mecânico, pessoas idosas, o pastor evangélico no mesmo agrupamento que protagonizou a invasão e destruição física dos prédios do Supremo Tribunal Federal, Palácio do Governo e Senado Federal?

Uma resposta provisória: todas as tribos envolvidas negam, agressivamente, algo. Rejeitam a ciência, a homoafetividade, políticas públicas para negros, povos indígenas, mulheres. Rejeitam a esquerda e a política institucional. Em outros termos, o que unifica todos os grupos é a agressão a outras tribos. Para Maffesoli (2014), a histeria coletiva só pode ser compreendida se encontrarmos nela seus arquétipos arcaicos, aquilo que serve de fundação a tudo “estar-junto”. Sob essa ótica, há em todos os seres humanos, biológica, psíquica e culturalmente, relativa permanência de arquétipos fundamentais, seja no indivíduo em si, seja no grupo.

Tal condição nos impede de desprezar, para compreender as sociedades, o eterno retorno da infância na fase adulta. A infantilização no ser particular encontra frestas (janelas, pequenas portas) cotidianas, sempre que situações permitam rompimento com mecanismos rituais de controle. É o caso, por exemplo, de adultos que, colocados em situação de estudantes ou amores repentinos, comportam-se como crianças ou adolescentes. Coletivamente, seja em longa duração, seja nas explosões de manifestações políticas, atitudes contra a cultura dominante expressam os valores da criança eterna.

Naquele acontecimento referido há pouco, três fatos podem ser tomados como exemplos desse retorno da infância histórica: manifestantes simulam defecar no Supremo Tribunal Federal (STF) e as imagens são postadas em redes sociais; o mural “As mulatas” do pintor brasileiro Di Cavalcanti e outras telas de pintura são danificadas (Farias; Figueiredo, 2023); relógio raro doado pela corte francesa a dom João VI é jogado ao chão por um manifestante (Teixeira, 2023). No primeiro caso citado acima, podemos dizer que se trata de uma manifestação sarcástica, metaforizando o STF como espaço de desprezo. Nos demais, provavelmente, trata-se, simbolicamente, de destruição da instituição e não dos objetos de arte em si. Não se assemelha, por exemplo, a casos de manifestações de grupos que, recentemente, atacaram símbolos específicos de escravocratas e colonizadores⁵ ou mesmo da destruição de

⁵ Em 24 de julho de 2021, a estátua do bandeirante Manuel de Borba Gato (1649-1718), obra assinada por Júlio Guerra, foi incendiada por manifestantes em São Paulo. Antes disso, em 2020, manifestações antirracistas, motivadas pelo assassinato de George Floyd, por policiais norte-americanos, ocorreram em diversos países.

monumentos de símbolos ditatoriais. Nestes casos, as ações, aparentemente, são planejadas com antecedência.

No caso da invasão dos prédios dos três poderes, não há como afirmar ou encaixar os eventos como resultado de um planejamento taticamente desenhado anteriormente, por um pequeno grupo de articuladores, justamente porque o ato conciliou personagens de todos os tipos, desde “lobos solitários” a tribos religiosas. É possível que, estrategicamente, estivesse no horizonte político de um comando, mas os atos singulares são imprevisíveis.

De acordo com Maffesoli (1998, p. 125), “os grupos contemporâneos não possuem ‘uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade’”. Trata-se de uma postura relativista da vida, sob o que cada grupo cria sua forma absoluta como objetivo, que pode, inclusive, ser alterado de tempo em tempo. As relações entre pessoas e grupos baseiam-se num certo multiculturalismo conflitante que, no lugar de se ocupar como projeção de futuro, anima-se com a intensidade do presente. “Qualidade de vida”, “viver a vida”, “viva o hoje” são exemplos de enunciados requeridos como animadores de “vivência”.

Desfecho

Em 1991, ao responder a Ivana Bentes, conhecida ensaísta e pesquisadora brasileira, numa entrevista a respeito de seu trabalho, Maffesoli afirmou que “o mundo pós-moderno tem uma dimensão trágica e bárbara” e “Um país como o Brasil é chocante para nós, europeus, é algo que cresce que pulsa, que se desdobra. Mas o câncer também é vitalista, é um excesso de vida, uma metástase” (DaCosta, 1997, s./p.). Estávamos às vésperas do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Já em 1996, em outra entrevista a André Luiz Bueno, afirmava que é possível ver no Brasil soluções para o mundo novo da pós-modernidade. Encontrávamo-nos no segundo ano de mandato do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. DaCosta (1997, s./p.) transcreve:

Meu sentimento é de que o Brasil pode ser um laboratório de novas maneiras de ser. A minha hipótese é que o Brasil desempenha hoje, na pós-modernidade, um papel que a França desempenhou antes. A França foi um grande laboratório e nessa perspectiva, o Brasil pode ser o laboratório da pós-modernidade, pois há uma ligação de fenômenos arcaicos e desenvolvimento de tecnologias, ou, fazendo uma metáfora, há o candomblé e a informática.

Finalmente, não há como negar o fato de que há pulsante vida pós-moderna na sociedade brasileira contemporânea e não há, enfim, como negar que a política a raptou para consumo próprio.

Referências

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

DACOSTA, Lamartine Pereira. O Brasil no espelho de Maffesoli. *Logos: Comunicação e Universidade*, v. 4, n. 1, [s.l.], 1997.

FARIAS, Carolina; FIGUEIREDO, Carolina. Obra de Di Cavalcanti danificada por criminosos no Planalto é avaliada em R\$ 8 milhões. *CNN Brasil*, 09 jan. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Kdtb>. Acesso em: 08 jul. 2026.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MAFFESOLI, Michel. *O theatrum mundi pós-moderno*: o jogo da vida, a vida como jogo. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Dimensões democráticas nas jornadas de junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 98, p. e339707, 2018.

TEIXEIRA, Matheus. Suspeito de destruir relógio de dom João 6º no Planalto é preso em Minas. *Folha de São Paulo*, 23 jan. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gOLx>. Acesso em: 08 jul. 2026.

VIRILIO, Paul. Imagem Virtual mental e instrumental. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina*: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 197-132.